

# A PSICANÁLISE COMO INSTRUMENTO DE OLHAR<sup>-se</sup> <sup>n</sup> OS TEMPOS ATUAIS

A ciência de mais de um século nasceu na Viena vitoriana, com Sigmund Freud. No final do século XIX, o jovem neurologista trabalhava estusiasmadamente com o emprego da hipnose, com a utilização do método catártico e com os efeitos obtidos pela aplicação da técnica sugestiva, após vários anos de estudo com Charcot, Lièbault e Bernheim, Breuer e de trocas com Fliess. Prosseguindo sua trajetória teórico-clínica, contudo, percebe que na aplicabilidade deste método não haveria espaço para o tema da sexualidade, o qual revelava-se cada vez mais importante. Quanto mais se afastava da sugestão e da persuasão mais se aproximava da idéia de propor ao paciente que simplesmente comunicasse tudo o que lhe ocorresse, sem deixar de revelar algo que lhe parecesse insignificante, vergonhoso ou doloroso. Surge a Associação Livre, regra fundamental que marca o surgimento da Psicanálise<sup>1</sup>. Freud demarca, assim, a preocupação em possibilitar ao homem o resgate de sua liberdade e autonomia, a partir de um método de tratamento que prioriza a escuta e a singularidade de uma história, prescindindo-se de pré-conceitos e buscando, a partir destes fatores prioritários, a compreensão do funcionamento mental e da patologia.

A publicação de *A Interpretação de Sonhos*, em 1900, relaciona o início do século XX com a invenção de uma nova ciência - a Psicanálise - e de uma subjetividade, que tem, na histeria, seu paradigma. Freud descentra a patologia do campo físico, o psíquico, do campo da consciência; descentra o homem da onipotência antropocêntrica, afirmando que ele já não mais era o dono da sua própria casa, provocando um duro golpe narcísico<sup>2</sup>. Apresenta, então, o Inconsciente, justificado, de forma *necessária* e *legítima*. Necessária, visto a presença de inúmeras lacunas entre os conteúdos da Consciência, tanto entre indivíduos sadios, quanto entre os enfermos; legítima na medida em que sua

---

<sup>1</sup> BARROS FALCÃO, C. de; KRUG, J; MACEDO, M. Do passado à atualidade: a psique pede passagem. In: MACEDO, M. (org.). **Neurose: leituras psicanalíticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 27-58.

<sup>2</sup> FREUD, S. (1917). **Uma dificuldade no caminho da Psicanálise**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v, V.17, p.169-182.

postulação está em total acordo com o percorrido teórico-técnico da Psicanálise<sup>3</sup>. Aponta a validade da Associação Livre, que de fato não é assim tão livre, “porquanto após suprimidos todos os protótipos intelectuais conscientes as idéias que emergissem pareceriam ser determinadas pelo material inconsciente”<sup>4</sup>. Ao analista cabe a Atenção Flutuante, escutando o paciente sem o privilégio, a priori, de qualquer elemento do seu discurso<sup>5</sup>, deixando funcionar o mais livremente possível a atitude de escuta psicanalítica.

Delimitando o Inconsciente como seu objeto de estudo, a Psicanálise prossegue com importantes formulações teóricas – sexualidade, desejo, recalçamento, pulsão, transferência, complexo de Édipo, narcisismo, etc. – abarcadas, fundamentalmente, nos artigos metapsicológicos de 1914-15. Com sua metapsicologia, Freud aponta para a compreensão psicanalítica do psiquismo em três níveis: tópico, dinâmico e econômico. Reformulações são feitas ao longo do caminho: é, por exemplo, detectada a compulsão à repetição e, conseqüentemente, um novo dualismo pulsional. A Psicanálise amplia-se dando conta também do que está além do Princípio do Prazer, do mortífero, do não-representado.

A técnica acompanha a evolução teórica. Reflexões sobre a transferência, contratransferência, freqüência, duração do processo analítico, abstinência, análise didata, marcam esta evolução. Permanentemente associada às postulações da teoria psicanalítica, a concepção técnica avança desde um ponto inicial de tradução – tornar consciente o inconsciente – até um espaço de intersubjetividade, circulação e representação do pulsional, cujo objetivo é sua transformação no sentido do desejo. O analista passa a estar totalmente implicado no processo analítico, devendo ocupar o lugar de objeto da pulsão e de sujeito da ação terapêutica<sup>6</sup>.

Mesmo este breve olhar sobre a Psicanálise torna claro uma marcante característica de Freud: a busca por respostas. E assim também é a sua criação.

---

<sup>3</sup> FREUD, S. (1915). **O Inconsciente**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v, V.14, p. 183-245.

<sup>4</sup> FREUD, S. (1924[1923]). **Uma breve descrição da Psicanálise**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v, V.19, p. 237-259.

<sup>5</sup> LAPLANCHE, J; PONTALIS J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

<sup>6</sup> BARROS FALCÃO, C. de; SILVA, P. da; CASTIEL, S. **Possíveis dimensões do lugar do analista na técnica freudiana**. Trabalho apresentado no espaço de Encontro de Psicanálise do Núcleo de Estudos Sigmund Freud, em nov, 2003.

Questionadora, a Psicanálise desde o início sofreu fortes represálias e resistências. A exigência feita à mente por algo que é novo, o dispêndio psíquico que ela exige, a incerteza alçada até a ansiosa expectativa que ela traz consigo é fonte de desprazer, pontua Freud em 1925, ao tratar das resistências à Psicanálise<sup>7</sup>. Acusaram-na de pansexualismo, de perigo social por ser inamistosa à cultura e por introduzir a desordem moral, de ciência judaica. Todavia, apesar disso, a Psicanálise cresceu, evoluiu, ampliou-se. Buscou compreender os fenômenos do individual, do social, do artístico e da cultura. Calçou e conquistou papel de destaque, ganhou prestígio.

E nos dias de hoje? Este prestígio se mantém? Mesmo esta simples questão, que mais beira uma constatação torna-se difícil de ser respondida. Como terapêutica é facilmente verificado que a Psicanálise perdeu muito terreno para outros tipos de tratamentos, como os focados no comportamento, os cognitivo-comportamentais, os farmacológicos, até mesmo os místicos e ditos “alternativos”. Isto sem falar nos próprios tratamentos de enfoque analítico, como as psicoterapias de apoio e breves de orientação psicanalítica. Em contrapartida, a Psicanálise mantém a supremacia em analisar os fenômenos sociais e culturais, demonstrando que os aportes psicanalíticos ainda dão conta de compreender a especificidade humana.

Fala-se de tempos pós-modernos. Mas o que é exatamente a pós-modernidade? Para entendê-la é preciso analisar a modernidade e mudanças de paradigmas que vem ocorrendo, demarcando o seu fim.

Para Giddens<sup>8</sup>, a modernidade está relacionada a uma gama de costumes, estilos e organização social surgidos inicialmente na Europa, durante o século XVII, vindo a ganhar, posteriormente, influência mundial. A transição da Idade Média para a Idade Moderna é marcada pela passagem de um modo de produção feudal, para um modo de produção capitalista. Há a ascensão da burguesia e progressiva crise na Igreja, que perde poder e prestígio, dando lugar à razão e à possibilidade humana de pensar e explicar o mundo. Neste sentido, se estabelece a metáfora da *Morte de*

---

<sup>7</sup> FREUD, S. (1925[1924]). **As resistências à Psicanálise**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v. V.19, p.263-276.

<sup>8</sup> GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Oeiras: Celta Editora, 1992.

*Deus*, formulada por Nietzsche e retomada por Heidegger: diante da morte de Deus, o homem passa a acreditar que seria o legislador da natureza e da sociedade<sup>9</sup>.

“O imperativo da razão como meio de conhecer e compreender o universo avança sobre a vida em sociedade, questionando os destinos históricos, os estratos sociais e os preconceitos do passado. Um tom revolucionário vai tingindo a existência individual, fecundando novos paradigmas de liberdade, direitos e bem-estar”<sup>10</sup>. Hansen<sup>11</sup> observa que o pensamento iluminista inaugurou um novo período em que o tempo passou a ser o presente realizador dos ideais humanistas e o futuro desconhecido, ilimitado, imprevisível e pleno em potencialidades. Sob a égide do progresso, os pensadores iluministas deixaram para trás a determinação divina do tempo e da história.

Na modernidade estão imbuídas características paradoxais, como a transitoriedade e o imutável, na medida em que, simultaneamente, a dinâmica das transformações históricas ganha terreno e o homem busca um saber racional, perene e universalizante<sup>12</sup>. “Enunciou-se, assim, que pela razão e pelo saber os homens poderiam transformar as suas existências individual e coletiva, realizando um movimento de aperfeiçoamento contínuo”<sup>13</sup>. No projeto moderno, a felicidade humana seria alcançada pela razão e pelo saber. O aperfeiçoamento do espírito humano, que deveria incluir a todos de maneira indiscriminada, seria a via pela qual a felicidade seria possível de ser atingida por todos.

No início do século XX, Nietzsche, Einstein e Freud, a partir de seus campos de saber, são responsáveis pelo forte abalo sofrido nos paradigmas iluministas da modernidade.

---

<sup>9</sup> BIRMAN, J. Subjetividade, contemporaneidade e educação. In: CANDAU, V. (org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 11-28.

<sup>10</sup> MILLAN, M. **Tempo e subjetividade no mundo contemporâneo**: ressonâncias na clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

<sup>11</sup> HANSEN, J., 1994, citado por MILLAN, M. Op. Cit.

<sup>12</sup> HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

<sup>13</sup> BIRMAN, J. Op. Cit.

Ao começar a se ocupar também da cultura, Freud tornou evidente uma crítica contundente à modernidade, ao apontar, por exemplo, a dita “moral sexual civilizada” como causadora de muitas enfermidades mentais<sup>14</sup>.

A formulação freudiana de que o mal-estar seria inerente à modernidade foi na contramão do que foi proposto pelo Iluminismo, sendo até mesmo uma crítica aos pressupostos desse. Isso porque o mal-estar produzido na modernidade, de maneira progressiva e abrangente, seria a revelação maior de que o ideal ético do Iluminismo se mostrou impossível de ser atingido. A tal felicidade, nos registros individual e coletivo, não foi realizada, ficando aquém do esperado, provocando decepção e mal-estar<sup>15</sup>.

A passagem da modernidade para a pós-modernidade é um tanto obscura, pois nem ao menos se sabe se tudo o que foi a modernidade está definitivamente extinto em nossos dias ou se o que é vivido ainda são ressonâncias deste paradigma. Neste sentido, a pós-modernidade pode ser entendida como uma extensão da modernidade, ou como uma tentativa de ruptura com tais ideais.

Data do fim do século XIX e início do século XX a ocorrência de uma verdadeira crise na ciência e no saber filosófico, provocada sobretudo pelo impacto do desenvolvimento tecnológico sobre o saber. Desde então, conceitos iluministas como os de racionalidade, progresso, humanismo estão sendo revistos, dando lugar a novos paradigmas, relacionados ao cenário cibernético da atualidade, como, por exemplo, eficácia, performance, aumento da potência. Contudo, alguns conceitos iluministas ainda recebem forte destaque nos tempos atuais, tais como a defesa dos direitos humanos. “Seria errôneo afirmar que a filosofia iluminista se perdeu como um todo; ela tomou outras formas e também perdeu, em parte, sua força”<sup>16</sup>.

Na pós-modernidade, dissolveram-se as modernas instâncias reguladoras, ordenadoras das subjetividades e dos laços sociais. O enfraquecimento do Estado, partidos políticos e órgãos de classe, efeito do intenso processo de globalização e neoliberalismo, provocam a fragmentação do social, constituindo o que Beck<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> MACEDO, M. Uma leitura psicanalítica sobre o sofrimento na pós-modernidade. In: GUARESCHI, P. et al. **Psicologia em questão**: reflexões sobre a contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p.163-175.

<sup>15</sup> BIRMAN, J. Op cit. p. 19.

<sup>16</sup> MILLAN, M. Op cit, p. 50.

<sup>17</sup> BECK, U. 1992, citado por BIRMAN, J. Op cit.

denominou *sociedades de risco*, marcadas pelo desaparecimentos dos agenciadores que se mantinham presentes na modernidade.

O que é pós-moderno refere-se ao privilégio da mudança e do heterogêneo, desconfiança dos discursos universalizantes, vivência do efêmero, do fragmentário, do caótico, instabilidade da linguagem e dos discursos, sem qualquer legitimação do passado. “O pós-moderno é caracterizado pelo fato de ter sepultado de uma vez por todas, os remanescentes do arcaico, os resíduos de um passado que o moderno ainda lograra conservar. O próprio passado perde o sentido, juntamente com a historicidade e a memória coletiva”<sup>18</sup>.

São estatutos deste tempo pós-moderno, a *cultura do narcisismo*<sup>19</sup> – evidenciando um mundo centrado no Eu, no qual a individualidade é sempre auto-referente e a estetização é a finalidade maior do sujeito – e a *sociedade do espetáculo*<sup>20</sup> – apontando a exigência do espetáculo como catalisador dos laços sociais<sup>21</sup>.

E que subjetividades marcam estes dois tempos da história humana? Ao examinar o tema da modernidade, Freud aponta para o seu mal-estar estrutural e a conseqüente construção da subjetividade centrada no desamparo.

Ao prometer um lugar de primazia à razão, o sujeito descuidou-se da subjetividade; ao insistir no predomínio dos discursos racionalistas, afastou-se da noção de alteridade como valor. Ao propor normas para produzir, supostamente, igualdades cada vez maiores abriram-se espaços de desigualdades, dissolvendo laços sociais e diminuindo espaços de subjetividade<sup>22</sup>.

A tese freudiana é de que o sujeito seria descentrado. A idéia fundamental de um descentramento do sujeito condensa múltiplos sentidos: não apenas o descentramento da consciência para o inconsciente, mas também do eu para o outro (narcisismo) e o maior e mais radical dos descentramentos – que se fundamenta na

---

<sup>18</sup> MILLAN, M. Op cit, p. 52.

<sup>19</sup> Termo proposto pelo historiador norte-americano Christopher Lasch.

<sup>20</sup> Termo proposto pelo filósofo francês Guy Debord.

<sup>21</sup> BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização e história, 2001.

<sup>22</sup> MACEDO, M. Op cit, p. 164.

concepção de pulsão. Pulsão como força e como pulsão de morte, ameaçando permanentemente a subjetividade, dissolvendo o Eu, a consciência e o outro<sup>23</sup>.

No ideário moderno de revolução, a partir do qual reinava uma crença transformadora, Freud apresenta o desejo como o catalisador possível das transformações da individualidade, através do qual é possível a reinvenção da sua história. E foi na passagem da modernidade para a pós-modernidade que algo da ordem do sujeito e do desejo se transformou radicalmente. O desejo já não mais é visto pelo sujeito como um instrumento de modificação e reinvenção de si mesmo, da ordem social e do mundo. Ao contrário, os destinos do desejo apontam para uma direção exibicionista e autocentrada, na qual o espaço de intersubjetividade torna-se esvaziado e desinvestido. Nas novas formas de subjetivação, o eu encontra-se em posição privilegiada e “a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica de economia psíquica”<sup>24</sup>.

A insistência no narcisismo e no eu se contrapõe ao que existe de primordial na experiência psicanalítica, isto é, a desconstrução do eu como condição de possibilidade para a exigência do desejo. [...] Assim, as culturas do narcisismo e do espetáculo construíram um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo. [...] Enfim, a dimensão crítica da psicanálise se perde quando o desejo sucumbe frente à exaltação dos emblemas narcísicos do eu, na demanda de autocentramento e de espetáculo<sup>25</sup>.

A sociedade pós-moderna organizada em torno do consumo basta-se sem normas, é orientada pela sedução, por querereres voláteis e desejos crescentes. O principal da vida diz respeito a estar sempre pronto, a ter a capacidade de aproveitar a oportunidade quando ela se apresentar, a desenvolver novos desejos para as novas seduções que serão sempre indispensáveis. Há uma crescente mercantilização de todos os domínios da experiência humana. De fato, o sujeito cede à lógica mercantil e consumista os territórios outrora privatizados de seu corpo e sua “alma”, seu mundo interior: esforça-se em tornar o seu corpo o espelho dos modelos

---

<sup>23</sup> MATTEO, V. **Psicanálise e destinos da subjetividade na contemporaneidade**. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em [www.estadosgerais.org.br](http://www.estadosgerais.org.br)

<sup>24</sup> BIRMAN, J. Op cit, p. 23.

<sup>25</sup> BRIMAN, J. Op cit, p. 84-85.

vendidos como perfeitos e idealizados, enquanto sua “alma” vaga dos psicofármacos aos livros de auto-ajuda, do programa mediativo de TV ao redemoinho alienante da indústria do entretenimento em busca de alguma paz ou anestesia, hoje quase sinônimos. A dialética do desejo e da falta mostra-se, assim, sem consistência: enquanto ela deveria permitir ao sujeito deparar-se com a falta, possibilitando o despertar do desejo, o que ocorre, de fato, é uma necessidade contínua de por fim à falta, instaurando um novo objeto, um novo produto, um novo falo que bloquearia o vazio. “Eis o aspecto mais árduo da descartabilidade, uma vez que obriga o sujeito a acorrentar-se a inúmeros objetos, acabando por não exercer seu desejo que, paralisado e perdido, coloca-o no lugar de não-ser”<sup>26</sup>.

Pelo exposto até aqui, a Psicanálise demarca-se eficientemente como uma ferramenta de reflexão, entendimento e questionamento dos fenômenos humanos, na modernidade – época em que surgiu – e também nos tempos atuais. Freud, estimulando-se a pensar sobre o futuro da Psicanálise, aponta para a necessidade de avanços, tanto no campo teórico, como no da técnica, marcando a importância do trabalho contínuo e da visão de que a Psicanálise jamais estará acabada, demandando, portanto, constantes revisões e reformulações, de modo a não se tornar uma ortopedia e, conseqüentemente, uma ciência estanque<sup>27</sup>.

Da mesma forma, no texto *A Questão da Análise Leiga*<sup>28</sup>, Freud discute a necessidade e importância da formação analítica, como forma de garantir a especificidade da Psicanálise, impedindo-a de ‘se subverter à ordem’, isto é, impedindo-a de se tornar uma técnica de selvageria, perversa, tal como a descrita em *Psicanálise Silvestre*<sup>29</sup>, por exemplo. Fica destacado, então, a seriedade da ciência psicanalítica e a preocupação em mantê-la num lugar de possibilidade de questionar, refletir, proporcionar análise. Mantendo esta especificidade, o futuro da

---

<sup>26</sup> HOMEM, M. L. **Entre próteses e prozacs**: o sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo. *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*, Rio de Janeiro, 2003, p.4. Disponível em [www.estadogerais.org.br](http://www.estadogerais.org.br)

<sup>27</sup> FREUD, S. (1910). **Perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v, V.11, p. 125-136.

<sup>28</sup> FREUD, S. (1926). **A questão da análise leiga**: conversações com uma pessoa imparcial. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v, V.20, p. 203-293.

<sup>29</sup> FREUD, S. (1910). **Psicanálise Silvestre**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v, V.6, p. 205-213.

Psicanálise garante-se, na medida em que seus construtos teóricos mais elementares – inconsciente, pulsão, desejo, entre outros – dão conta de compreender o fenômeno humano no seu mais profundo e, assim, em qualquer época.

Buscando compreender a cultura atual e utilizando os construtos psicanalíticos e o exercício de uma Psicanálise apoiada em uma formação séria – análise pessoal, exaustivo estudo teórico e supervisão – pode-se questionar: O que é possível esperar da Psicanálise hoje em dia? O que é possível oferecer com a Psicanálise hoje em dia?

Justamente a contramão dos tempos. Contramão, no sentido de uma outra via, na qual o Eu se desconstrua e se reconheça. Um outro caminho – transferencial – de intersubjetividade, que permita ao sujeito romper com o pacto atual de cultura do narcisismo e do espetáculo. Na pós-modernidade, os indicativos de sucesso não mais são buscados na própria vivência de satisfação, tornando-se necessário *ter* mais que o outro e perdendo-se, com isto, a capacidade de investimento no *ser*. O que a Psicanálise oferece é a contramão, propondo reflexão, trabalho, elaboração, envolvimento afetivo, investimento libidinal no eu e no outro. O que se pode esperar da Psicanálise é a construção de um espaço aonde o intrapsíquico é priorizado, a fim de possibilitar trocas intersubjetivas mais ricas e menos fugazes, narcísicas, perversas, vazias. O que se pode esperar é um espaço aonde o desejo possa ser reconhecido, aonde o sujeito reconheça-se como ser desejante.

E é via transferência que, pela Psicanálise, analistas e analisando, juntos, no campo intersubjetivo, caminham em direção à singularidade do sujeito, possibilitando a ele a apropriação dos seus desejos. Ao analista cabe abrir possibilidades ao paciente de novas simbolizações de seus conteúdos inconscientes. É pela transferência que a via da repetição pode ser quebrada.

Em 1905, Freud<sup>30</sup> propõe a seguinte analogia, a partir da diferença entre pintura e escultura estabelecida por Leonardo da Vinci, visando demarcar as diferenças entre o trabalho psicanalítico e o trabalho sugestivo. Cabe à Psicanálise, assim como a um escultor – *per via de levare* – retirar do material bruto a forma que a pedra contém. Para isto é necessário acreditar que a escultura, como forma final,

---

<sup>30</sup> FREUD. S (1905[1904]). **Sobre a psicoterapia**. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 24v, V.7, p. 263-278.

está contida na pedra. Em analogia ao trabalho psicanalítico, é necessário que o analista acredite na validade de sua técnica, neutralidade e recusamentos, já que a forma está ligada mais à potencialidade da pedra do que ao desejo indutivo do escultor. Dependerá de sua destreza com os instrumentos para que a forma que aflore seja intrínseca daquela pedra. Na técnica sugestiva, assim como na pintura – per via de porre – caberá ao pintor a colocação das tintas: à aplicação sucede a espera de que algo surja. É necessário acrescentar e não retirar. Neste trabalho não há tempo anterior, nada na tela precede o ato do pintor sobre ela formas e cores de seu próprio desejo e é o mundo do pintor que se desvela no ato de pintar<sup>31</sup>.

E seguindo a analogia de Freud, o convite que nos é feito a todo instante refere-se ao lugar do pintor. A busca frenética por respostas, alívio, apaziguamento do sofrimento, investe em um caminho que é “do fora pra dentro”, exemplificado no movimento de recorrer às medicações, aos livros de auto-ajuda, às cartomantes. Este, contudo, não é o caminho da Psicanálise, que deste o início, desde Freud, insiste em demarcar as diferenças e a longa distância das técnicas de sugestão. Ao dar respostas ao sujeito, sem possibilitar-lhe descobri-las, lhe é imposto um desejo que não é o dele, lhe é dado cores e formas que são, na verdade, do pintor.

O que demanda o trabalho psicanalítico é uma convocação no sentido de que o psicanalista se apresente inteiro para a experiência de afetação mútua que qualifica a clínica psicanalítica. Só assim será possível transpor as couraças com as quais as individualidades empobrecidas se resguardam e se escondem. Só assim será possível transformar o encontro analítico em um espaço de simbolização, de representação, de criação, de reconhecimento.

A necessidade de uma escuta diferenciada do padecimento psíquico ser, por conseguinte, vigente. Torna-se imperioso não minimizar a importância e as consequências de tal padecimento, uma vez que o ser humano, atualmente, parece não ter tempo para si e passa, por isso, a maior parte de sua vida tentando distanciar-se, primeiro de si mesmo, para depois evitar a qualquer custo, uma experiência de alteridade. Precisa correr tanto que já não sabe se a pressa tem a ver com o que busca ou se está aprisionado na

---

<sup>31</sup> MACEDO, M. Transferência: uma esperada visita inesperada. In: MACEDO, M. (org). **Neurose: leituras psicanalíticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

impossibilidade de parar por não saber o que encontrará ao olhar-se<sup>32</sup>.

O que a Psicanálise pode oferecer? O que se pode esperar dela? Esta escuta diferenciada, o espaço aonde valores esquecidos, sentimentos sufocados, medos, angústias podem ser compartilhados, no tempo certo, sem a pressa e a pressão. Um espaço revolucionário, como defende Derrida<sup>33</sup>. Um espaço radical. Um espaço dialético. Um espaço aonde o novo possa ser criado e recriado.

É neste entendimento que penso ter testemunhado a minha escolha pela Psicanálise, como tratamento pessoal e escolha profissional; como forma de olhar o mundo e o homem e forma de olhar-me no mundo e na minha história. Freud, quanto criou as reuniões de quarta-feira, plantou a semente das instituições psicanalíticas que, ao meu ver, independente de toda a política que as envolve e que envolve a Psicanálise como um todo, tem a função fundamental de ser um espaço de aprendizado, de questionamento e de troca, aonde a semente da Psicanálise é plantada, geminada, regada e colhida a todo instante, com espaço para diferenças, desigualdades, assimetrias. Penso ser papel de uma instituição psicanalítica a discussão da Psicanálise, da Psicanálise com ela mesma, da Psicanálise em diferentes tempos e com diferentes saberes. Neste sentido também penso ter testemunhado a minha trajetória neste primeiro ano de formação psicanalítica: fomentei a visita a Freud, à Psicanálise, mas abri portas à visitação em outros campos, a outras formas de interlocução, as quais considero essenciais para que a ortopedia e o enclausuramento da Psicanálise sejam evitados. Para que a Psicanálise continue vigente. Para que a Psicanálise continue sendo a escolha.

---

<sup>32</sup> MACEDO, M. Uma leitura psicanalítica sobre o sofrimento na pós-modernidade. In: GUARESCHI, P. et al. **Psicologia em questão**: reflexões sobre a contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p.174.

<sup>33</sup> DERRIDA, J. **Estados-da-alma da psicanálise**: o impossível para além da soberana crueldade. São Paulo: Escuta, 2001.